



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário

15 de Julho de 1989

Ano XLVI — N.º 1183 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

16 DE JULHO

PAI Américo partiu do nosso meio, há 33 anos. À medida que o tempo passa, experimentamos a sua presença tão viva e actuante como o foi, ao longo da sua passagem pela terra. As dores e as alegrias de quem é chamado a dar à luz uma vida nova, em cada dia que nasce, são da mesma qualidade daquelas por que passou. Agora, junto do Pai a Quem amou tanto até queimar sua vida, dia-a-dia, quando O encontrou na pessoa dos Pobres, continua a velar, atentamente, pela Obra da Rua que o mesmo Pai gerou em seu coração de carne.

Porque sabia em quem acreditava, não deixou que a dúvida o impedisse de caminhar, nos momentos mais difíceis, como aqueles que, aos olhos do mundo, pareciam anunciar o fim. Nessa hora, precisamente, com a vida mergulhada no Evangelho, o seu livro, ao jeito de resposta que deitava por terra todas as suspeitas, disse que a sua morte era a porta que se abria para o nascimento da Obra. Mais: «Se o grão de trigo não cair no sulco e morrer, fica só...»

A Palavra cumpriu-se, embora entregue a homens frágeis, sem o arcaboço de Pai Américo.



Esta circunstância, longe de gerar a descrença e o desânimo, iluminou o caminho a seguir: apontou a verdadeira fonte de

energias; criou confiança e esperança.

A Obra da Rua continua a ser necessária. A mensagem que seduziu Pai Américo e o levou a considerar como esterco tudo o que o mundo lhe podia oferecer em troca

do amor a Jesus Cristo que o chamava com gemidos que não se podem contar, na pessoa dos pobres mais pobres, tem, agora, a mesma força criadora e transformadora.

Continua na página 4

Tribuna de Coimbra

No domingo passado a Palavra do Senhor teve um sabor especial para todos os que enchemos o nosso salão: «Todos vós sois filhos de Deus. Pois quantos recebestes o Baptismo de Cristo, fostes revestidos de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher».

Foi a reunião anual dos antigos gaiatos do Centro. É sempre um grande dia. Não estavam todos, mas estavam muitos. Eles e muitos deles com a mulher e os filhos. Muitos abraços, muitos beijos, muita comunhão. Todos, uma família.

Na celebração da Eucaristia, centro daquele dia, fui mais abandonado pela Palavra do Senhor: «Todos vós sois filhos de Deus». Foi esta mesma verdade que apaixonou Pai Américo e quantos se deixam apaixonar. Todos somos filhos de Deus. Não há

pobres. Não há ricos. Não há escravos. Não há senhores. Somos todos filhos de Deus.

Na minha frente estavam engenheiros, doutores, muitos professores, dois doentes, bancários, chefes de escritório, cozinheiros, comerciantes, muitos carpinteiros, empregados, jornalheiros do campo e até um desempregado. A mesa da Eucaristia foi comum.

O almoço, à volta de uma grande mesa. Cada um partilhou o que trazia. O nosso pão estava saboroso, como sempre. O bar, bastante movimentado. Foi tudo muito bom.

A tarde cheia de muitas coisas. O Carlos Gonçalves e Zé Eduardo vieram esclarecer o caminhar da Cooperativa de Habitação para que todos possam ter casa. Que bom se todos a viessem a ter! A maior força está na vontade de cada um.

Houve provas desportivas, banho na piscina, muitos prémios e competições.

A merenda-jantar foi como o almoço. Um dia muito cheio! Uma nota das de maior alegria: a chegada dos de mais longe. O Silva com a mulher, de Viana do Castelo. O João («Torres Novas») e família, de Odivelas. Ameriquito e família, de Cascais. O Vítor («Tó Tó»), da Batalha. O mais vizinho, que é o Zé Maria Baltazar, com as barbas a branquear.

A encher mais este dia esteve a presença e pedido do Zé, das Caldas. Desceu da serra sem saber de transporte certo para o levar a casa. Veio por causa do sétimo filho, um menino, que por ser o mais novo e por falta de capacidade da mãe e ausência semanal do pai, «é um des-

Cont. na página 4

REFLECTINDO

Deus é fonte de bem e de beleza. A primeira e única. Todas as outras são emanantes dela.

Todos os homens têm em si a capacidade para o bom e o belo... Para beber na Fonte.

Porém, na medida do esquecimento e, tantas vezes, desprezo do Mandamento do Amor — ao Senhor e ao Próximo — nasce o grau de afastamento do caminho da verdadeira água pura, única capaz de aplacar a nossa sede do bem e do belo.

Lembro o Miguel: O pai, alcoólico, espancava a mãe. Morreu o pai e a mãe entregou-se à prostituição.

Só, num quatinho numa rua estreita da grande cidade... Rua sem sol, sem árvores, sem pássaros, sem fontes e sem rios...

Das cenas de violência ao despudor, o Miguel começou a baralhar o discernimento entre o bem e o mal. Aos dezasseis anos ficou violento e libertino.

Uma alma capaz do bem e da beleza! Só que, desde o berço, sempre longe da Fonte, das encostas de sol e vida e dos caminhos que lá conduzem.

A sua violência é um grito constante de anseios iminentes pelos carreiros que levam às flores e aos pássaros.

Ninguém o condene...

Choremos com ele até que tenhamos a coragem de rasgar a sua rua à visão das montanhas floridas.

Padre Telmo

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• A viúva jaz no leito com doença incurável. Mas, graças a Deus, uma filha (também com algumas maleitas) mantém-se firme à cabeceira da mãe. Às vezes, revela um grande stress. Estimulamos a cachopa. Damos força de espírito para aguentar o barco, já que está só: a irmã (casada) anda por lá... e o irmão trabalha, como um cigano, pelo País fora. O casal vicentino, e pessoas amigas de longa data, aparecem assiduamente. Suprimos materialmente com a partilha dos leitores. Sobre tudo no que se refere a medicamentos. «Custam os olhos da cara! São tão caros...!» — desabafa a pobre moça.

Neste domínio, uma outra mulher, que sofre diversos males, aqui referida, também consome muitos remédios, para além do necessário à rigorosa dieta prescrita clinicamente.

A doença é o maior calvário dos Pobres!

Ainda agora somos alertados para a grave situação dum moço que foi da roda e trabalhava como tarefeiro, no Grande Porto. Mais um incurável! Tinha quem preparasse a dieta e prestasse assistência. Mas faltava o apoio material, na medida em que não chegou a poder usufruir dos benefícios da Segurança Social. Vamos requerer a mísera fatia da pensão social que, despachada, permita Deus o encontro vivo. A burocratização dos serviços, apesar da cibernética, não acompanha as urgentes necessidades do cidadão. Por isso, por tudo, suprimos os Pobres — com a partilha dos leitores.

PARTILHA — Assinante 8451 marca presença «com a segunda prestação anual para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», acentuando, delicadamente, que se refere ao ano de 1988.

«É com vivo prazer que envio um vale de correio de 1.500\$00 para os Pobres. Peço que não indiqueis o meu nome, mas tão somente o número de assinante d'O GAIATO: 4498. Isto mesmo assinado no espaço reservado à correspondência, no dito vale.»

O costume, do assinante 17258, de Rio Tinto, para «a renda da casa da viúva». De Tavira, 5.000\$00: «É pouco, mas sempre aliviaria algum necessitado. Conforme puder, irei ajudando a Conferência, mensalmente. Peço anonimato».

Dois contos, da assinante 36100. Cinco, de «Maria de Portugal», lamentando que «as doenças não me deixem cumprir, com regularidade, o meu desejo de ajudar, mensalmente, os Pobres. Que Deus e eles me perdoem. Vai agora esse cheque para compensar o atraso e reparar a falta». Espírito cristão!

Um cheque da assinante 1950, em socorro dum caso referido nesta coluna, assinalando que, «graças a Deus e ao meu trabalho, tenha uma vida sem preocupações materiais, mas já tive dificuldades, sei bem dar valor às angústias do Próximo».

Assinante 27843, de Alcobaça: «Junto um cheque (2.000\$00) com uma pequena lembrança. Não é muito, mas migalhas também são pão! Vivo de pequenos rendimentos. Sou viúva».

Torna a «Avó de Sintra» com o prometido «para a família do costume» e hossanas à Providência pelas melhoras dum filho querido. De mãos dadas, a assinante 31104 para os seus protegidos: «Esta importância corresponde ao mês de Maio. Tenham paciência os destinatários. Logo que possa, seguirá a de Junho. Rezem por mim».

Na cauda, mas sempre na frente, Etelevina, da Foz do Douro (há por lá mais Etelevinas!), testemunha a sua riqueza d'alma: «Todos os anos, eu e minha mãe (já com 97 anos) costumamos passar uns dias no Sameiro (Braga), mas não queríamos ir sem primeiro nos lembrarmos daqueles que não o podem fazer. A minha oferta é modesta: 5.000\$00 para um caso mais difícil da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Talvez para uma viúva com filhos pequenos. Sei bem avaliar as dificuldades, porque já passei por elas também: fiquei sem pai quando era pequena e com muitas dificuldades».

A procissão fecha com um cheque do assinante 2368, para «ser distribuído na forma do costume».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Vimos até à vossa presença, mais uma vez, no sentido de apelarmos à vossa ajuda e compreensão, pois com tanta miséria à nossa volta, torna-se imperioso recorrer a alguém. Esse alguém, sois vós, queridos leitores, que ao concederdes um pouco do que vos sobeja, tornais mais feliz um lar desprovido de resposta às necessidades minimamente imprescindíveis.

Somos um casal vicentino que há pouco tempo revelou o problema de uma senhora parálitica, de seu nome Dália; que, incapacitada e vivendo num ambiente pobre e quase desumano, emana do seu íntimo uma força interior e uma alegria de viver inabaláveis, conformando-se com a invalidez de que é vítima. Foi para esta senhora que pedimos um pouco do vosso carinho e generosidade.

Como deve ser do vosso conhecimento, são tantos os que vêm ter conosco a pedir a nossa assistência, revelando carências de ordem material e afectiva; e há tão pouco que lhes oferecer pois, como deveis imaginar, temos encargos bastante elevados, tornando-se difícil socorrer e prestar assistência a todos. Contudo, fazemos o possível e o impossível para dar um pouco de alento a estas famílias, pedindo a vossa contribuição e aumentando os nossos esforços nesse sentido.

Há dias, uma das nossas «Criaditas dos Pobres» pediu para prestarmos assistência a uma família que vivia com grandes dificuldades. Quando a visitámos, ficámos indignados com as condições precárias em que vivia. A família é constituída por quatro pessoas: a D. Antonieta, o marido e os seus dois filhos ainda menores, que vivem numa casa que, para além de parecer um cubículo, está bastante degradada e é constituída por uma só divisão, funcionando como cozinha, sala e quarto de dormir para estas quatro pessoas. Na verdade, vivendo nesta «casa» e nesta situação precária é impossível haver um pouco de privacidade, indispensável a qualquer

casal, pois o menino de quatro anos dorme no meio dos pais e a menina de oito anos num divã ao lado da cama. Inclusive, a D. Antonieta segredou, com as lágrimas nos olhos, que às vezes tinha problemas com o marido por ele não compreender que os miúdos facilmente se apercebem de tudo e que por isso têm de ter o máximo de cuidado na sua vida íntima.

A D. Antonieta não se encontra em condições de trabalhar, devido a uma doença de rins, tendo já extraído um, mas ficou com muitos problemas no outro. Confidenciou, também, que às vezes não tinha nada para comer e, nessa altura, o que mais a preocupava e entristecia, era os filhos pedirem de comer e ela nada ter para lhes saciar a fome. Para agravante, o marido só se preocupa com o seu próprio bem-estar, pois do pouco que ganha não o entrega todo para as despesas da casa, mostrando-se pouco incomodado que os filhos não tenham comer.

Perante este panorama deveras confrangedor, nós apelamos, mais uma vez, à vossa ajuda, pois como sabeis o nível de vida está elevado e os recursos escasseiam. Na verdade tem havido poucos donativos; as saídas para outras famílias necessitadas são muitas; e, neste momento, monetariamente, é-nos difícil ficar com esta família. Assim, solicitamos a vossa generosa contribuição pedindo a Deus que vos ajude e para que essa migalhinha de que prescindis em prol de um irmão necessitado nunca faça falta; e dessa forma poderemos prestar auxílio a famílias carentes no aspecto social, económico e moral e poderemos, também, enfrentar melhor quaisquer adversidades que se nos deparem.

Casal vicentino

Miranda do Corvo

BATATAS — Sexta-feira andámos, todo o dia, na nossa vinha dos Poços a arrancar a batata. Começámos muito cedo para não apanhar o calor ao princípio da tarde. Chegado o almoço, tínhamos colhido mais ou menos metade do batatal.

De tarde, começámos às três horas e às oito menos um quarto estava a batata arrancada. No fim do dia, a rapaziada muito cansada e com dores de costas.

Valeu a pena o nosso esforço, porque rendeu 400 arrobas: 6.000 quilos. O tractorito, com o Manelzito em cima, não parou!

A batata é muito boa, graças a Deus.

CONVÍVIO — No dia 25 de Junho houve mais um Encontro dos antigos gaiatos. É sempre um dia de muito convívio e partilha. Durante a manhã foram chegando e, às onze e meia, celebrou-se a Eucaristia, centro das atenções nesse dia; em seguida, o almoço partilhado por todos. Estava delicioso!

Depois, a reunião da Associação para resolver problemas: eleições, etc.

De tarde, diversão e passatempos que decorreram da melhor maneira, havendo no fim prémios para todos, começando nas taças, passando pelas medalhas, até aos rebuçados, canetas, etc. E um banho na piscina para quem quisesse, muito apreciado pela nossa malta.

Chegou a hora da merenda, oferecida pelos mais antigos, muito diversificada,

com muitas coisas boas, sobretudo guloseimas.

Fim do dia, hora da despedida, com alguma tristeza, sempre com o desejo de que, para o ano, venham mais antigos gaiatos. É bom vê-los cá, depois de tantos anos.

PRAIA DE MIRA — Começou a época balnear. Um grupo dos mais pequenos («Batatinhas»), e os disponíveis do Lar, seguiram para a nossa Casa na Praia de Mira. Limpámo-la no pri-

meiro dia e, agora, aproveitamos o sol à beira-mar. Aqui, há pouca gente na Praia. É um pouco monótona, porque na nossa zona só há uma barraca que é a nossa.

O mar tem estado de bandeira vermelha nos últimos dias, mas o sol tem sido muito quente.

Aproveito para desejar umas óptimas férias aos nossos leitores.

António Maria

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO CENTRO

No dia vinte e cinco de Junho realizámos o Encontro Anual, na nossa Casa do Gaiato em Miranda do Corvo.

Apesar da ausência do nosso artigo n'O GAIATO de dezassete de Junho, devida exclusivamente aos cinco dias de demora a chegar a Paço de Sousa, estiveram presentes algumas caras novas, o que muito nos agradeceu. Foi um encontro de muita alegria, convivência e amizades revividas.

Após os abraços de quem há muito não se via, demos início à sessão da manhã com as habituais boas-vindas, tendo merecido uma saudação especial os representantes da Associação de Antigos Gaiatos do Norte — Carlos Gonçalves e José Eduardo.

A Mesa da Assembleia Geral apresentou a proposta de nomear Sócio Honorário, o presidente da Direcção cessante, Manuel Machado, pela sua dedicação e empenhamento incondicional, aprovada por unanimidade e aclamação.

Os órgãos sociais terminavam os seus mandatos. Houve eleições, que não concluímos no período da manhã, pelo reduzido quórum. No entanto, discutimos as duas propostas apresentadas.

Celebrámos a Eucaristia — momento forte do Encontro — participada com fervor e a presença amiga de crianças, catequistas e familiares do Areeiro (Coimbra).

Ao almoço de muitos farnéis fizemos uma só mesa, acto simbólico de união fraterna.

Após o convívio do café, e prestados todos os esclarecimentos quanto às duas propostas para os órgãos sociais, procedemos à votação, em alternativa. Foi aprovada a lista que indicava para presidentes: Carlos Manuel — Direcção; Fernando Campolargo — Mesa da Assembleia Geral; e Manuel Machado — Conselho Fiscal.

O Relatório e Contas do biénio 87/88 aprovados por unanimidade.

Concluídas as eleições, ouvimos com muito interesse as exposições feitas pelos nossos irmãos do Norte sobre os projectos e funcionamento da Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos. Estamos certos de que os esclarecimentos e entusiasmo transmitidos motivarão uma nova dinâmica à Cooperativa no centro do País. Há já terreno, muito próximo de Coimbra, posto à disposição pela Obra da Rua. Agora, que apareçam os interessados para fazer nascer o projecto.

Terminada a sessão da tarde seguiram-se «Os Jogos Com Barreiras». Conseguiram animar os participantes e a assistência. Todos os concorrentes foram premiados.

Último acto comunitário: Merenda-jantar, tornado possível com a partilha dos farnéis — pão, vinho e arroz da Casa, e a generosa colaboração da Dan Cake Portugal, L.da, Probar, Coimbra Importadora e Nestlé, de Lisboa.

Agradecemos também à Ourivesaria Catarino a colaboração prestada e ao *Diário de Coimbra* a cobertura noticiosa.

Fortalecidos pelo amor fraterno, com abraços nos despedimos: uns «até p'ró ano», outros «até breve».

José Martins («Zé Gordo»)

DOCTRINA



...dorme, pela primeira vez, em lençóis lavados...

• Como é certo e sabido que todas as despesas da Colónia (de Férias) dos Gaiatos são feitas pelos bons leitores, justo é que o pobre dela lhes venha hoje dar conta do número dos que rilham, para mais tarde, a seu tempo, lhes dar igualmente contas de quanto eles rilharam. O primeiro turno, de vinte e cinco de Julho a dezoito de Agosto, saiu-me fora as marcas; e, em vez de cinquenta, como estava na lista, vi-me a braços com sessenta e dois Gaiatos a comer fessente e dois Gaiatos a comer impiedosamente, os cálculos, os algarismos e as reservas da despesa.

• Jurei ser mais seguro na segunda leva; e no dia marcado lá estava eu, rente, entrincheirado na camioneta, lista em punho, a enxotar os japoneses e a protestar com eloquência. Muito mais eloquentes, porém, as lágrimas dos pequeninos, o lindo pedir de seus pais e o amoroso clamor dos presentes: «Leve tudo, Padre, que Deus há-de ajudá-lo!» Caí com uma ferida no lado; senti o inimigo passar por cima de mim; e, na bicha que formei, cá em cima, topei sessenta e quatro! Pelo caminho, molduriei na lição de confiança e de solidariedade que me deu aquela gente pobre, onde palpitam corações generosos, amigos do bem que se faz aos da sua igualha: «Leve-os todos, Padre». Sim; confiança em um Deus Vivo e Providente que eles, os Pobres, querem ver e querem conhecer em obras vivas. E esse dogma da Providência pregado no mundo pelo Mestre, no comer dos passarinhos e no vestir das flores, realizava-se hoje, como dantes, nas generosas ofertas que me deixam...

• Uma palavra grata para os moços bravos que me auxiliam a conduzir bem os Gaiatos das Colónias: São obreiros do Evangelho, estes pequenos apóstolos em tirocinio de desvelado carinho, no curar achas, no dirimir questões, no apartar barulhos, no atender queixas, no responder a perguntas mil, curiosas e infantis.

• Obreiros do Evangelho no ajeitar às mesas a colher e o cotovelo; no ensinar palavras e maneiras; no atender, pela noite fora, o pequenino que grita com medo dos ratos, mai-lo que, em sonhos, cai da cama abaixo a fugir do boi que topou de dia nos caminhos.

• Obreiros humildes do Evangelho a pregar Cristo ao pequenino rebanho debaixo dos pinheiros e à beira dos regatos. E mais que nunca o são quando, amorosamente, dessem aquele pequenino que ateima em se deitar vestido, «que em casa fazemos

Cont. na página 4

Aqui, Lisboa!

☆ Finalmente chegou o Verão e com o ano lectivo acabado, surge o tempo, sempre desejado, da praia, aos mais variados níveis.

Aguardamos ansiosamente que a Marconi nos ceda uma nesga de terreno, em S. Julião da Ericeira, para ali construirmos instalações adequadas para as nossas colónias de Verão e para a realização de outras actividades, próprias ou alheias, ao longo do ano. Entretanto, à falta de melhor, vamo-nos servindo do velho edifício existente no alto do monte, cada vez mais degradado pela acção do tempo e das devastações de gente sem escrúpulos, que se delicia em destruir ou danificar aquilo que, com tanto amor e sacrifício, ali erguemos há cerca de 30 anos.

Debatemo-nos com a falta de gente, nomeadamente de senhoras e de jovens equilibrados e maduros para organizar e manter os grupos. Sendo o índice etário médio bastante baixo, não é fácil encontrar rapazes conscientes para governarem capazmente a vida dos turnos veraneantes, onde há que assegurar um mínimo de disciplina, em ordem à consecução dos objectivos em vista. A degradação moral existente e os maus exemplos ambientais nada ajudam e perfilhamos em pleno as ideias duma célebre educadora espanhola que, hoje em dia, se corre o risco de perder em quinze ou vinte dias de veraneio, o que se procurou construir num ano de trabalho. Não tenhamos ilusões: os tempos são difíceis, sem esquecer as origens e as marcas das pessoas.

Temos que ser realistas. A todos os níveis sociais, se não nos precavermos e não assegurarmos um enquadramento capaz, os resultados serão negativos. Os Valores do espírito pouco importam e, infelizmente, até muitos daqueles que se dizem cristãos... Não se trata de pôr as pessoas em redomas, que educar é formar para a liberdade, mas sem animadores conscientes, padres ou seminaristas e jovens leigos, não é fácil atingir o que se pretende: relaxamento físico e anímico, recuperação ou desenvolvimento das capacidades físicas e morais, rangeando energias e faculdades em ordem ao futuro.

Em suma, se não fossem os mais pequeninos, muitos dos quais raquíticos pelas privações passadas, a precisarem do iodo e do ar tonificante do mar e dos raios solares, quase não nos atreveríamos a fazer as «praças» como costumam dizer os rapazes, que não são para aquilo que muitos julgam ou pensam.

☆ Os professores dos estabelecimentos de ensino onde temos

tido rapazes, têm-se mostrado, ao longo dos tempos, em termos gerais, de uma amabilidade e de uma atenção extremas, facto que é de realçar e de agradecer. Simplesmente, em nosso entender, às vezes, exageram na sua generosidade, o que pode significar alguma injustiça para quem estudou e se aplicou devidamente, correndo-se também o risco de prejudicar o futuro daqueles que transitam de ano, sem a aquisição dos conhecimentos mais basilares.

Padre Luiz



RETALHOS DE VIDA

NILTON

Chamo-me: Nilton Jorge Raposo Caetano da Silva. Tenho 13 anos e nasci no dia 8 de Janeiro de 1976, em Angola.

Os meus pais não me conseguiam sustentar. Somos quatro irmãos. Eu e o Paulo Jorge viemos para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Os outros estão com os meus pais.

Passsei para o Ciclo e quero continuar a estudar. Faço limpeza a uma casa e gosto de cá estar. Quero tirar o curso de mecânico. Quando sair da Casa do Gaiato já serei capaz de governar a minha vida.

Nilton Jorge Raposo Caetano da Silva

UMA CARTA

«Recebo o vosso jornal com a regularidade da sua tiragem e leio-o com avidéz, de ponta a ponta. No fim fico sempre triste, por vezes com uma tristeza profunda, por detectar toda a miséria encoberta e tanta fome existente no nosso País e mais triste fico pela minha impotência perante tais situações, pois gostaria de ajudar toda essa gente.»

É um grito de alma escutado há pouco, semelhante a muitos outros que chegam constantemente. Ele revela uma leitura parcial d'O GAIATO que, para ser íntegra, tem

de somar-se a outra que nos fala de tantas que são tocadas na sua inteligência e na sua sensibilidade e do toque se determinam a fazer o bem que está ao seu alcance. Não há pouco nem muito neste fazer bem. Há o tudo que é possível a cada um — eis a medida que importa atingir.

«Naquele tempo», Jesus apontou aos Seus discípulos uma pobre viúva como tendo sido a que deu a maior esmola. Eles ainda viam demasiadamente com os olhos da carne. Ficaram espantados porque a senhora tinha posto na caixa duas

das mais pequeninas moedas que então circulavam. Mas era tudo quanto tinha! Por isso foi ela a que deu mais.

Ora o Famoso é-o, exactamente porque provoca a multidão dos seus leitores à partilha daquilo que podem, sempre com pena de não poderem mais. O dinheiro sai da algibeira. A pena sai do coração. Qual é a fonte mais sublime: o bolso ou o coração? Qual é a mais pura e mais fecunda?

Por isso é tão eficaz, tão medicinal, esta circulação de bens de que o Famoso é estímulo, a qual não vai curar todos os males, mas remedeia muitos. E o principal é que se ferem cada vez mais os que se ferem nas dores dos outros.

Esta comunhão de todos no levar da cruz de cada um é força muito mais operante no estabelecimento da Justiça social do que as verbas, por muito avultadas que sejam, se não forem animadas por este espírito.

Justamente porque é este o espírito recebido do Evangelho que impregna O GAIATO e todas as obras nascidas nas mãos sacerdotais de Pai Américo, do jornalzinho se pode dizer o que José Régio disse de Deus: «que fere e consola com o próprio mal que faz». Isto é: das feridas que Deus permite, dá Ele a graça de experimentar consolação.

— «No fim fico sempre triste, por vezes com uma tristeza profunda...»
— Não senhor, não deve ser esse o estado final do leitor d'O GAIATO depois de o ter corrido «com avidéz, de ponta a ponta».

Deve ficar contente por descobrir que são tantos os interpelados que não fogem ao desafio de Deus, antes lhe dão o peito.

Deve ficar em paz porque nunca somos tão poderosos como quando reconhecemos e assumimos a nossa impotência.

E cheio de Esperança porque somos muitos a pôr os bens em comum, sobretudo o coração.

E ávido, sim, de que estes muitos sejam todos os homens, ao menos os que se julgam cristãos.

RECORDAR

Por ordem de Pai Américo, tinha ido à cidade Invicta dar apoio aos distribuidores d'O GAIATO (ontem como hoje precisam duma presença amiga — pois não faltam aliçiantes...).

Na Praça da Liberdade, «Banana» solta um grito de dor: — *Pai Américo sofreu um desastre! Foi prò hospital...!*

Corro pela Rua dos Clérigos acima. Entro desabridamente no hospital (não sei como!) e vou direitinho ao quarto, na linha do movimento inusitado. Quando percorro aquele mundo, reflecto sempre como fora possível derrubar as malhas como um furacão!

Acompanhei Pai Américo, sem ouvir da sua boca um lamento, um ai de dor! Só pedia água, muitas vezes, que o Julho era fogo.

Entretanto, segredava um desejo: — *Ó Júlio, chama o capelão...!* Aí vou, corredores fora, à procura do Padre Mendes para ministrar o Sacramento.

Fora do quarto, naquele cantinho, enquanto o Servo dos Pobres se

entrega nas Mãos de Deus a um companheiro de Sacerdócio, partilho a dor física de Pai Américo, sem adivinhar que seria o princípio do Fim. Sentia mesmo, no peito, a aflicção de Outros que passavam à frente, conduzidos pelos maqueiros.

O sacerdote sai do quarto comovido. Abraça-me. Confidencia: — *Olha, já assisti (espiritualmente) a milhares de doentes. Não sei, não sei que dizer. Nenhum me tocou tanto como o Padre Américo! Foi uma Graça, para mim, haver atendido o Padre Américo...!*

Volto ao quarto. Ali estive... até me aconselharem a descansar, bem contra a vontade.

Em suma: Deus também me deu a Graça de ser o primeiro filho a comparecer à cabeceira do leito de Pai Américo, no hospital de Santo António!

O capelão está já no Seio do Pai Celeste. Aqui fica, para a história, inclusivé o estado d'alma deste sacerdote, naquele dia, naquela hora — transcendente para a Obra da Rua.

Júlio Mendes

Padre Carlos

UM RECADO

Há muito que andamos para o dar, mas temo-nos «trigado» pela incompreensão de alguns, pela pena de outros que a juntam e trazem com muito amor. Trata-se de roupa — roupa para vestir, nomeadamente feminina e de pessoas idosas que, mesmo distribuindo em cargas plenas das nossas carrinhas, não conseguimos dar vasão ao caudal que a todo o instante chega. Ele são os visitantes em Paço de Sousa, multidões, nesta época; ele é no Lar do Porto; ele, no Calvário; e no Espelho da Moda; e por encomenda postal ou despachada pelo comboio; ele, Confecções que entregam as sobras da moda do ano passado...

Quem nos diria, há vinte ou trinta anos, que nos haveríamos de afligir com invasão tão pacífica?!... E, no entanto, sobretudo para as nossas senhoras, é uma consumição de que elas nos fazem participantes:

— Senhor padre, onde vamos guardar tudo isto?...

— Eu sei lá...! Querem que construa um prédio novo para armazém?!

A verdade é que se têm aproveitado todas as caves das casas — «tudo quanto é sítio», como agora se usa dizer — para amontoar sacos e embrulhos que vão sendo abertos e despachados como é possível, mas nunca na medida desejável. Alguns, porém, seguem tal e qual para paróquias onde há Conferências Vicentinas ou grupos de acção socio-caritativa que os distribuem por lá.

Ontem tivemos notícias de uma senhora que enviou «um pequeno embrulho com uma camisa e uns calções de banho» e dentro «uma carta com mil escudos onde pedia o favor de me enviar o livro *O Lodo e as Estrelas*. Até agora ainda o não recebi». Pois não! Onde estará o dito embrulho? Aonde terá ele ido parar?... Quantas outras pessoas têm procedido semelhantemente!

Recomendamos, pois, que ninguém mande dinheiro nem recados em encomendas de roupa, pelo menos enquanto durar esta vaga forte que nos incapacita de uma triagem perfeita.

Este pedido de contenção no envio de roupa de vestir diz-se de roupa boa, alguma mesmo esplêndida que aí aparece! Que havemos de dizer da que chega em tal estado de degradação, de sujidade, até, que não tem outro destino senão o fogo da lixeira?

Esta fartura não me parece sã. Por um lado, ela é fruto da *societade de consumo*, do império implacável da moda que faz e tem legiões de «escravos».

Por outro lado, este dar-nos para que demos, significa uma demissão de cada qual procurar em volta de si quem precise e aceite a sua partilha. Não há dúvida de que o conhecimento do Próximo, fundamento do serviço que se lhe deve, não é uma ciência em progresso. E daí esta avalanche que nos atinge: «Vocês é que sabem a quem dar!» Como se o nosso saber e capacidade de repartir consoante fossem ilimitados! Pode ser uma demissão; uma

forma de iludir a consciência!

Ainda por outro lado, esta abundância não nos ajuda a educar. Os rapazes são testemunhas dela. De manhã está fresco. Saem para o campo com uma camisola ou um *kispo*, que deixam em qualquer lado mal a temperatura sobe. Amanhã são capazes de vir pedir nova peça que terá semelhante destino se não houver muita atenção e mão forte dos responsáveis do sector.

Não era assim há vinte ou trinta anos! Eles sabiam que o agasalho que lhes era distribuído era esse e não havia outro. Estimavam-no. Zelavam-no.

Vamos então dizer que somos saudosistas da penúria?! Nada disso! Mas que haja equilíbrio na posse dos bens; e condições favoráveis à responsabilidade no seu uso — isso sim!

Padre Carlos

Tribuna de Coimbra

Cont. da página 1

truidor. Ele aqui fazia-se um homem, tenho a certeza». A sinceridade do Zé levou-me a dizer que sim. No próximo sábado vem trazê-lo a nossa Casa.

Uma grande festa de família! O espírito de família nunca estará ausente. Estamos sempre presentes na vida uns dos outros. *Até logo, se Deus quiser.*

Padre Horácio

Novos Assinantes de O GAIATO

O GAIATO entra, cada vez mais, em lares de Amigos que mais não teriam do que uma vaga ideia da Obra da Rua, de Pai Américo!

Na região da capital tem havido muitas inscrições. Tantas, que o nosso Padre Luiz sublinha «algumas dezenas de novos assinantes, recentemente colhidos pelo nosso Padre Baptista, sobretudo em Queluz. O assinante 26392, já com muitas dezenas. A assinante 53421, mais de 40. E a 24771 atingiu, agora, a casa dos cem». Vale bem a pena citar um naco da sua missiva: «Tenho o prazer de enviar uma relação com cinco novos assinantes d'O GAIATO, atingindo assim o bonito número de 100 que já consegui arranjar, para uma maior divulgação da Obra da Rua e dos ensinamentos que emana, inseridos dentro da doutrina social da Igreja. Ser «centenária» era um dos objectivos que pretendia atingir e acabo de concretizar. Mas a 'procissão' ainda vai no adro...» Não custa nada a crer que saiam para a rua mais apaixonados(as) com o mesmo objectivo!

Pela região norte, o nosso Padre Telmo recolheu 131 novos assinantes, em Lousada; o nosso Padre Carlos, 165 nas igrejas do Carmo e Salvador, em Braga.

Entre a multidão marcha, convictamente, uma pequenita de Alvito — a Aninha — cuja missiva teria mais relevância se a pudéssemos inserir com sua letra bem contornada. Aqui está:

«A minha mãe, hoje, comprou o vosso jornal. Li. Gostei. Por isso, gostaria de me tornar assinante. Não sei como pagarei a assinatura. Agradecia que me informassem. Contem comigo, desde já, como assinante do vosso jornal.» E, num P. S., acrescenta: «Se possível, beijinhos a todos os «Batatinhas».

Mais dísticos, no meio da procissão, saltam aos nossos olhos:

Esgueira — «Acabei, há pouco tempo, de reler o livro A Porta Aberta. Tal como já tive ocasião de dizer, trata-se de uma obra que nos ensina e lembra aqueles princípios que fazem dos Homens pessoas de corpo inteiro. Quero aproveitar a ocasião para me tornar assinante d'O GAIATO, um dos elos que aproximam todos quantos pensamos nos Outros, em termos de solidariedade e fraternidade. Deixo, aqui, a minha saudação em Jesus Cristo nosso Irmão».

Porto Salvo: «Acabo de receber os vossos livros: De como eu fui... e Notas da Quinzena, que agradeço. Estou a ler o Obra da Rua e a gostar bastante. Os outros que vieram, serão para ler em férias. Não sou assinante d'O GAIATO. Gostaria de sê-lo. Quando o encontrava na rua, comprava-o; mas, desde há muito que não aparece».

A projecção do Famoso, na Família, continua a crescer!

Coimbra: «Junto um cheque para a minha assinatura e mais duas que desejo inscrever... pois são meus filhos, casados, e que não lêem o vosso jornal. Como gosto muito d'O GAIATO (é uma lição para todos nós) gostaria que também o lessem. Ficarei responsável pelas assinaturas. Não é porque eles não possam. Graças a Deus têm uma vida material muito boa. São bons filhos. Mas acho que falta um pouco destas leituras em suas casas».

Setúbal: «Sendo uma leitora assídua e tendo conhecimento que uma pessoa de família, natural de Braga, apenas leu O GAIATO uma ou duas vezes, venho informar o nome e a morada para que a possam inscrever como assinante. Obrigado pela atenção que possam dispensar».

Muitos Amigos, de todo o mundo, perguntam «como posso ser assinante d'O GAIATO» e o valor da assinatura. A nossa resposta: procede-se à imediata inscrição do consulente, informando, depois (se houver possibilidade), que só retribuirá quando, como e se puder. O fundamental: comungar connosco na leitura do Famoso.

Júlio Mendes

DOCTRINA

Cont. da página 3

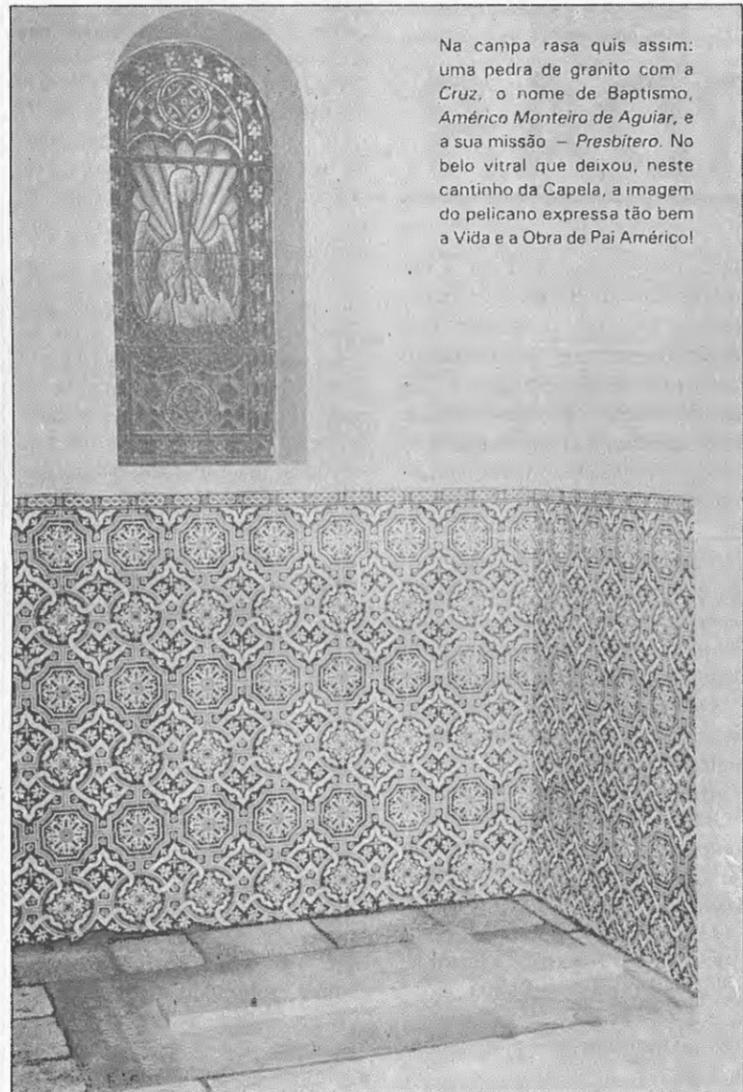
assim»; quando enxugam, amorosamente, as lágrimas daquelo outro que quer ir para a mãe, «que o pai chega à noite bêbado e tenho medo que ela me fuja»; quando consolam, finalmente, um terceiro pequenino que chora para ficar, «que a mulher que está com o meu pai dá-me muita pancada».

- Verdadeiros obreiros do verdadeiro Evangelho, estes moços generosos aprendem nas páginas soltas e vivas da vida das Colónias, altas lições da miséria social relatada pela inocência que não sabe mentir.

- Ai! que se todos bebessem as coisas ua sua origem, haveria muito mais almas que sabiam compreender a miséria da gente pobre e, em vez de os apedrejar porque viciosos e ingratos, haviam de os amar, arrependidos de terem feito tão pouco em favor deles!

D. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)



Na campa rasa quis assim: uma pedra de granito com a Cruz, o nome de Baptismo, Américo Monteiro de Aguiar, e a sua missão — Presbítero. No belo vitral que deixou, neste cantinho da Capela, a imagem do pelicano expressa tão bem a Vida e a Obra de Pai Américo!

16 DE JULHO

Continuação da página 1

O filho da rua, o doente incurável e outros, pedem vidas que os salvem porque têm direito. São pessoas que não se podem perder por nossa causa. Ele é tão fácil encontrar desculpas para o nosso viver mais cómodo. É tão difícil deixar a rotina e mudar de rumo quando estão em causa valores pelos quais vale a pena dar a vida e deixar tudo.

Vou subir ao Calvário para dar o almoço aos nossos doentes que ninguém quis. Deste lugar de Esperança, quero ajudar-vos a tomar a decisão que tanto desejais e de que ainda não fostes capazes.

Padre Manuel António



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e Imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898